

volume

25/1

Dezembro/2019

ISSN 2596-2876

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: **História Oral**

Hist. Rev. Pelotas Número 25/1 p.1 - 132 dez. 2019





**Obra publicada pela
Universidade Federal de
Pelotas**

Reitor

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor

Luis Isaías Centeno do Amaral

Direção de Gabinetes da Reitoria

Taís Ullrich Fonseca

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cóssio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e
Inovação*

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Gestão da Informação e
Comunicação*

Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Otávio Martins Peres

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Sérgio Batista Christino

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho
Editorial*

Pres. do Conselho Editorial: João Luis Pereira

Ourique

Repr. das Engenharias e Computação: Darci
Alberto Gatto

Repr. das Ciências Biológicas: Flávio Roberto
Mello Garcia e Marines Garcia (suplente)

Repr. das Ciências da Saúde: Francisco
Augusto Burkert Del Pino e Claiton
Leoneti Lencina (suplente)

Repr. das Ciências Agrônômicas: Cesar Valmor
Rombaldi, Guilherme Albuquerque de
Oliveira Cavalcanti (suplente) e Fabrício de
Vargas Arigony Braga (suplente)

Repr. das Ciências Humanas: Márcia Alves da
Silva e Cláudio Baptista Carle (suplente)

Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: Carla
Rodrigues Gastaud

Repr. das Linguagens e Artes: Josias Pereira da
Silva e Eleonora Campos da Motta Santos
(suplente)

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel –
Profa. Beatriz Ana Loner*

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado
Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Prof.^a Dra. Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Prof.^a Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof.^a Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSC)
Prof.^a Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof.^a Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Lorena Almeida Gill | Pablo Alejandro Pozzi | Robson Laverdi

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Pareceristas ad hoc: Ana Sosa Gonzalez (UFPel) | Geni Rosa Duarte (Unioeste) | Ilton Cesar Martins (UNESPAR) | Losandro Antonio Tedeschi (UFGD) | Luís Fernando Cerri (UEPG) | Maralice Maschio (FAMA) | Méri Frotscher Kramer (Unioeste) | Rosângela Zulian (UEPG) | Eudes Fernando Leite (UFGD)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2019/1

ISSN – 2596-2876

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB -
10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.25/1, (dez. 2019). – Pelotas: Editora da UFPel, 2019. 1v.

Semestral
ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat Online Computer Library Center

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra publicada em abril de 2020**



**ENTREVISTA REALIZADA COM O CARTUNISTA RENATO
VINICIUS CANINI**

INTERVIEW CARRIED OUT WITH THE CARTUNIST RENATO VINICIUS
CANINI

Lorena Almeida Gill¹
Ângela Beatriz Pomatti²
Victor Hugo Müller³

A entrevista que será apresentada neste número da revista foi realizada no dia 10 de março de 2008, na casa do narrador, em Pelotas. Os entrevistadores foram os alunos do curso de História da UFPel, à época, Victor Hugo Müller e Ângela Beatriz Pomatti, em projeto orientado pela docente Lorena Almeida Gill.

Renato Canini nasceu em Paraí, na Serra Gaúcha, no dia 22 de fevereiro de 1936 e faleceu em Pelotas, em 30 de outubro de 2013, com 77 anos. Ele foi um importante ilustrador e cartunista, que ficou conhecido por atuar em vários meios de comunicação, dentre eles a Disney. Durante sua vida recebeu vários prêmios e homenagens como o título de Cidadão Pelotense (2005), Patrono da Feira do Livro da FURG (2008), Grande Mestre do Quadrinho Nacional (2003), Grande mestre da Editora Abril (2005), dentre outros. Nesta entrevista o foco se concentrou no personagem Zé Carioca, o qual foi desenhado por ele durante alguns anos. O material faz parte do acervo do Laboratório de História Oral da UFPel.

¹ Doutora em História (PUC-RS). Professora Associada no Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: lorenaalmeidagill@gmail.com.

² Mestre em História (PUC-RS). Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

³ Mestre em Educação Agrícola (UFRJ). Professor do Colégio Militar de Santa Maria – RS.

Entrevistador: Seu nome?

Entrevistado: Renato Vinicius Canini

Entrevistador: Nome dos pais? O que faziam?

Entrevistado: - O nome do meu pai é Vitório Canini e o da minha mãe Jandira Mello Canini. O meu pai tinha uma pequena farmácia lá em Barril, hoje é Frederico Westphalen. Quando ele faleceu eu tinha 10 anos. Éramos quatro, três irmãs novas e eu. A mãe não tinha condições de nos criar e nos espalhou pelos parentes.

Entrevistador: Qual foi a cidade em que nasceu?

Entrevistado: Eu nasci em Paraí, na serra gaúcha. Saí de lá com um ano de idade. Depois fui para Barril, então perdi a referência.

Entrevistador- Desde quando está em Pelotas?

Entrevistador: Estou em Pelotas há doze anos. Morei em Garibaldi, depois de dois internatos, me mandaram para uma tia, a mulher era braba. O meu temperamento era também uma rebeldia desgraçada. Fiquei um ano em Garibaldi, com a vó e a tia, a irmã do meu pai. Ela me exportou para o internato em Gravataí, depois eu voltei, fiquei um ano, depois ela me exportou para outro internato em Passo Fundo, depois morei em Porto Alegre.

Entrevistador: Qual a sua formação acadêmica?

Entrevistado: Não tenho específica. Eu sempre gostei de desenhar. Então foi uma luta eu com aqueles gibis todos e morando com a tia. Estava no ginásio, e o ginásio acabando e não sabia o que fazer. Eu gostava de desenho, mas não sabia que poderia ser desenhista. Elas me apressaram para que eu arrumasse um emprego de contabilidade num banco, para mim matemática era um pesadelo, até hoje, estava apavorado. Mas depois eu estava em Porto Alegre, estudava em Passo Fundo e servi no quartel em Passo Fundo. E ali em Porto Alegre tinha uma revista infantil, a Cacique da Secretária de Educação e Cultura. Então peguei uns desenhos e levei, me aprovaram. Assim começou minha carreira profissional. E fiquei dez anos como funcionário público. Antes eu colaborava com umas revistas da Igreja Metodista, eu era metodista, mas depois saí da Igreja. O diretor da revista queria que eu fosse para São Paulo trabalhar com desenhos. Fiquei dois anos. Estava querendo voltar para Porto Alegre, mas antes eu dei uma chegada na Editora Abril, tinha uns colegas conhecidos de nome, tinha a Revista Infantil Recreio. Agora tem nas bancas, mas é a segunda fase, era uma revista maior. Eu trabalhei um ano e pouco. Na Editora Abril tinha um salão grande, que era dividido em duas partes. A parte menor era do

peçoal do Recreio, a maior parte era peçoal da Disney. Eles faziam capa, não faziam a estória, de vez em quando faziam estórias em quadrinhos. Hoje em dia os computadores fazem as letras. Na época se levava um mês estudando as letrinhas para trabalhar na Editora Abril. Depois de um ano e meio no Recreio eu já queria voltar para Porto Alegre, na época não era a loucura de hoje. Posso falar no Zé Carioca agora?

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: O peçoal disse para eu tentar desenhar o Zé Carioca que poderia ser mandado de Porto Alegre para cá. O Zé Carioca foi criado em 1940, eu comecei em 1971, antes de mim tinha um japonês, Jorge Kato. Valdir Igayama faleceu, me deu muita força, mas a continuidade de toda a quinzena do Zé Carioca, eu que dei. Eles faziam de vez em quando uma estória, uma capa e o resto eles colocavam Pato Donald e o título era Zé Carioca, o Zé Carioca não estava nos meus planos. Eu treinei um pouco lá em São Paulo, então me disseram que poderia ir para Porto Alegre, comecei a carreira ali.

Entrevistador: O senhor não acredita que tenha havido censura no período anterior ao senhor, entre 1964 e 1971?

Entrevistado: Não sei.

Entrevistador- Pergunto por que depois de ser publicada uma estória com forte crítica social, o Zé Carioca desapareceu da própria revista por dois anos.

Entrevistado: Não sei dessa história... De vez em quando saía estória do Zé Carioca, mas era uma artimanha da Abril, que vinha estória do Pato Donald e eles tiravam o Pato Donald e colocavam o Zé Carioca. A gente percebe, pois é desenhista, a maioria não percebe.

Entrevistador- Fizeram a mesma coisa com o Mickey, tiravam o Mickey e colocavam o Zé Carioca.

Entrevistado: Desenhei cinco anos o Zé Carioca. Nos primeiros três anos eu demorei para achar meu estilo. Eu vinha de uma liberdade do Recreio e já me pegaram com 35 anos desenhando. Por três anos eu tentei. Quando achei que estava no meu estilo, era eu só. Até o peçoal, meus amigos diziam que estava muito Canini, tá mais Canini do que o estilo Disney. Não demorou para vir um ultimato dos Estados Unidos. De vez em quando os desenhistas da Europa, do Brasil, tinham que mandar de vez em quando uma revista, para ver se estavam seguindo aquele estilo. Grilaram com o meu lá. Acho que mudou o cara lá, não sei se mudou. Eles disseram que iriam demitir o Canini. Mas eu tinha

um amigo, o Valdir Igayara que desenhava, o chefe, foi me levando lá de Porto Alegre. Mas depois veio um ultimato. Ou demite “Mister” Canini, ou a gente tira a Disney da Editora Abril. A estas alturas não tinha muito a ver e me tiraram.

Entrevistador: Por qual motivo?

Entrevistado: Pois eu não estava seguindo o esquema que eles queriam. Comecei a avacalhar muito o Zé Carioca. Muito negrinho jogando futebol, a casinha dele caindo aos pedaços, abrasileirando muito, eles queriam a coisa mais certinha.

Entrevistador: O governo não queria mostrar as favelas. E o Canini começou a mostrar, não tinha como esconder.

Entrevistado: Naquele tempo não podia sair o nome do desenhista nem do argumentista e de vez em quando eu colocava na casinha dele, “Arroz Canini”, “Sabão Canini”.

Entrevistador- O senhor colocou a sua assinatura no ano de 1976?

Entrevistado: Depois de três anos pra cá, começou a sair o nome dos desenhistas. Daí o pessoal quis saber quem é que desenhava aquilo e depois a Disney americana quis homenagear os melhores desenhistas Disney do mundo, o Mestre da Itália, dos Estados Unidos, tem uns quantos. Aqui no Brasil me escolheram. A ironia do destino... Eu era diferente, não era o melhor, mas era original. Se tu comparar o meu desenho com os dos outros brasileiros, os deles são melhores que o meu. Mais caprichadinho, como a Disney quer. Eles me escolheram Mestre Disney. A homenagem, não sei se foi uma retratação moral...

Entrevistador: Então saiu uma revista homenageando o senhor?

Entrevistado: É, o melhor desenhista Disney do Brasil sou eu. Eu não pude desenvolver bem. O Carl Barks desenha há mais de 50 anos o Pato Donald. Se eu desenhasse mais uns dez anos, chegava no ponto que queria, mas não pude chegar mais para cima um pouco.

Entrevistador: Vamos retornar um pouco falando sobre alguns dados sobre o senhor. O nome da sua esposa?

Entrevistado: Maria de Lourdes Martins Canini. A Lourdes é desenhista, ela fazia charges para o Diário da Manhã.

Entrevistador- Tem filhos?

Entrevistado: Acho que não.

Entrevistador: Como começou o trabalho com o desenho?

Entrevistado: Desde pequeno. Uns dão para a música, outros dão para outra, é um dom. O meu pai desenhava também, mas não teve aquela chance naquele tempo. Então ele fazia de vez em quando. Tinha um primo, o Claudius, foi um dos fundadores do Pasquim, fez a última página da “Caros Amigos”, foi mais político do que eu. Ele passava o tempo desenhando cartazes nas lajotas grandes.

Entrevistador: Com que idade o senhor começou a trabalhar na Disney?

Entrevistado: Com trinta e três anos na Recreio, com trinta e cinco o Zé Carioca.

Entrevistador- O que fazia?

Entrevistado: Eu era desenhista da Igreja Metodista, depois fui para a Disney, conforme já disse.

Entrevistador- Quanto tempo trabalhou na Editora Abril?

Entrevistado: O Zé Carioca eu comecei em Porto Alegre. Quando eu parei de desenhar e como gostava de estória, fiz cem argumentos para a turma do Pato Donald, Urtigão, Mickey.

Entrevistador-E argumentos pro Zé Carioca?

Entrevistado: De vez em quando eu fazia também.

Entrevistador- O senhor era desenhista e argumentista?

Entrevistado: Agora tá uma bagunça. De vez em quando eles descobrem quem escreveu, de vez em quando sai um argumento meu que não é meu. Não sei se organizaram lá. Tem o Ventura, desenhista, que achou uns meus do Zé Carioca lá na Argentina.

Entrevistador: Qual foi a data de sua saída da Editora Abril?

Entrevistado: Até 1977 eu colaborei com argumento, depois parei de vez.

Entrevistador- Como era o personagem Zé Carioca quando este começou a ser desenhado?

Entrevistado: Quando os americanos desenharam, colocaram-no fumando charuto, por causa de Cuba, eles consideravam a capital do Brasil Montevideú, anos e anos. Naquela época usava chapeuzinho. Acho que não fui o primeiro que tirei, mas depois com o tempo, deixei-o só de camisa. Aquele

calor no Rio de Janeiro, uma gravatinha, um terninho, um chapéu. Todos foram mudando, hoje já o fazem de tênis. Cada época... A Rosinha também passou por vários estágios. Quando eu desenhei era um. Os americanos eu considero que foram os melhores que desenharam a Rosinha. A Rosinha tem quatro desenhos diferentes dela. O Pedrão também. A primeira estória que eu fiz do Pedrão, eu não sabia que iria continuar, achei que era um personagem que iria morrer de uma vez só. Baixinho, depois ele voltou maior, beijudo, negro, os americanos não quiseram, no Brasil mudaram.

Entrevistador: O senhor recebeu críticas pelos americanos por ter feito o Pedrão?

Entrevistado: No Brasil mesmo. Não sei se foi de lá que fizeram um negrão mais bonito.

Entrevistador: Como é que chegavam as críticas ao senhor?

Entrevistado: Escreviam-me de São Paulo para Porto Alegre. Não me abalou muito, porque não fui eu quem criou o personagem. Eles tinham um pouco de razão, pois eles queriam defender o estilo deles.

Entrevistador: Eram os donos da fábrica. Como foi o personagem Zé Carioca quando outros o desenhavam?

Entrevistado: Já o peguei com aquele estereótipo, aquele terninho.

Entrevistador: Ele não era bem malandro. Antes de 1971, o Zé Carioca era da classe média.

Entrevistado: É isso mesmo. Eu me lembro que ele trabalhava pra agradar a Rosinha. A tendência dele é a malandragem. Tem uma música do Barbosa, dos Demônios da Garoa, que serve para o Zé Carioca, que seria assim “amanhã vou trabalhar se Deus quiser, mas Deus não quer” (risos). O Zé Carioca fazia tudo para não trabalhar.

Entrevistador: O jeitinho brasileiro.

Entrevistado: O carioca é isso mesmo e vai levando, divertido.

Entrevistador: Quais as principais características do personagem?

Entrevistado: A malandragem.

Entrevistador: Para o senhor quais dessas características têm a ver com o povo brasileiro?

Entrevistado: O Rio é diferente, todo mundo fala do Rio. Aquele mar

todo, futebol, o Rio de Janeiro é um estado de espírito. Tem aquela música que diz que “Amélia que era mulher de verdade que achava bonito não ter o que comer”. Mas acho que o carioca passou a história como sabendo melhor viver, não leva a sério muito as coisas. É o ideal. Vamos pensar em Deus um pouco. Hoje em dia é aquela preocupação com o futuro. Já li cinquenta vezes a Bíblia. Tem no Êxodo, uma passagem que explica que caía o Maná para o pessoal uma vez por dia. Tinha um que recolhia para o dia seguinte, mas no dia seguinte estava tudo estragado. Deus está vendo.

Entrevistador- O senhor considera que Zé Carioca serve para demarcar um estereótipo?

Entrevistado: Sim. Aqui na esquina tem uma livraria Zé Carioca. Acho que criou aquele tipo, do malandro. Que a origem é lá no Bando da Lua, da Carmen Miranda. E tinha um tal de Zé Carioca, José do Patrocínio, o nome dele.

Entrevistador- Por que foi demitido? Como foi o processo?

Entrevistado: Foi a Inquisição.

Entrevistador: O que este trabalho representou na sua vida?

Entrevistado: Eu tomei conhecimento do gibi e do cinema com dez anos de idade. Saí de Barril, fui para Garibaldi, tinha dois filmes no domingo, aquela loucura perto das duas horas a tia para largar um dinheirinho. Eu ficava bem louco! E não tinha aquela emoção dos filmes de hoje. Hoje têm cinquenta, cem filmes. Não adianta, é aquilo ali. A gente ficava numa alegria, não sabia o que ia passar. Dois filmes... Que nem o gibi. Era pouco gibi e pouco dinheiro. Que piada! A gente quando tinha um gibizinho... Hoje em dia a criançada está abarrotada de tudo, não é mais aquela emoção.

Entrevistador: O senhor chegava a ler estes gibis que eles desenhavam quando era mais moço?

Entrevistado: A gente copiava muito, eu e meu primo passávamos o dia inteiro copiando os gibis. No colégio tinha aquela briga... Uns gostavam do Batman, outros do Capitão América. Eu gostava do Capitão América, até hoje.

Entrevistador- Quais outros personagens que o senhor criou em sua carreira? O que representam?

Entrevistado: Criei o Zé Paulista. A partir dali, dei a ideia para o Saidenberg criar os outros primos, como o Zé Pampeiro, Zé Queijinho e o Zé Jandaia. O pessoal gostou de uma estória, os herdeiros trapalhões, em que

aparecem os primos dele.

Entrevistador- Por que acha que as estórias do Zé Carioca terminaram?

Entrevistado: Agora é questão financeira. Depois que eu saí o pessoal da Abril, fez uma escolinha, com a rapaziada de 16, 18 anos, que gostava de desenhar, pra fazer o que não aconteceu comigo. Não se repetisse o meu caso, pois eu tinha a liberdade para criar. Para ensiná-los a desenhar “correto”, mas não deu certo.

Entrevistador- Quais os momentos que considera mais importante na história do Zé?

Entrevistado: Para mim foi a saída. Quando ele ficou de camisa, tirou aquela roupa que não era de verão.

Entrevistador- Como foi ter sido escolhido como Patrono da Feira do Livro?

Entrevistado: Devem-se homenagear os desenhistas que são os esquecidos. Pedi homenagem para toda turma. O livro infantil e juvenil tem mais desenhistas naturalmente. O trabalho do desenhista é importante, mesmo que só apareça o título na capa, o artista ele escolheu aquele título, a parte gráfica também.

Entrevistador- O senhor que desenhava as capas para o Zé Carioca?

Entrevistado- Nunca fiz capa, só pro Mestre Disney.

Entrevistador-Quais os planos para o futuro?

Entrevistado: Vou desenhar enquanto dá. Estou desenhando uma série de gaúchos. Não é para rir, não é comédia. Minha qualidade de desenho é melhor que naquela época. Se eu fosse desenhar o Zé Carioca agora desenharia melhor. É um mistério. A experiência desses anos todos ajuda a simplificar. A gente vê o Picasso. Foi simplificando.

Entrevistador- O senhor se identifica com o Peninha como trabalhador da indústria cultural?

Entrevistado: Ele era jornalista. Foi o único nessa parte cultural, foi nosso representante. Essa liberdade de criar... Eu fui antes do tempo. Os desenhos dos italianos se libertaram. Nem é mais Pato Donald. E não tem aquela censura que eu tive. O Peninha foi nosso representante. Os americanos criaram o Peninha. Já o Morcego Vermelho foi criado pelos brasileiros. O Pena Kid foi

criado pelo Saidenberg, inspirado no Kactus Kid que eu criei. Tem o Níquel Náusea, começou a desenhar inspirado nos meus desenhos no Recreio, onde havia mais liberdade. A gente fazia escola e não sabia. A gente sempre tem aqueles ídolos do passado...

Entrevistador- O senhor criou ou ajudou a criar o Morcego Verde?

Entrevistado: O Zé Carioca gostava do Peninha. Ele colecionava todas as revistas do Morcego Vermelho. O Saidenberg escreveu a primeira estória e eu fui o desenhista da primeira estória do Morcego Verde.

Entrevistador: O senhor teria alguma estória marcante ou engraçada dentro da Editora Abril?

Entrevistado: O ambiente era muito bom na Editora Abril. Até hoje me lembro dos nomes de toda turma. Era uma turma unida, não tinha inveja. A Editora Abril sempre foi correta, sempre pagou direitinho.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista, foi um prazer fazer esse trabalho.